

O eldorado dos grãos, agora, é prejuízo certo

Logística faz com que o Mato Grosso perca competitividade em relação às demais regiões produtoras

NEILA BALDI
SÃO PAULO

A expectativa de lucro certo na outrora promissora agricultura do Mato Grosso se transformou em prejuízo. Os problemas de infraestrutura e o câmbio fizeram com que as terras mais baratas e a alta produtividade não mais compensem economicamente o plantio de grãos na região. Estudo da **Agroconsult** mostra perda na rentabilidade para o agronegócio do estado, com margem negativa de 17% para a próxima safra de soja. Apenas o algodão pode ter rentabilidade positiva de 9%.

“O pior lugar do País para se plantar hoje é Mato Grosso, por causa dos custos da logística”,

PERDA CONTÍNUA

Comparativo da renda x margem de lucro da soja (em US\$)*



Fonte: Agroconsult * Preço médio em Chicago

diz André Debastiani, analista da Agroconsult. Com o dólar no nível atual, estar longe dos portos faz os preços dos insumos serem ainda mais altos e os do grão mais baixos. Enquanto os produtores de MT perdem, os paranaenses ganham. Lá, a rentabilidade será de 11% na próxima safra. Os gaúchos também perdem, mas bem menos: 3,7%.

Página B-12

Não vale a pena plantar grãos em MT

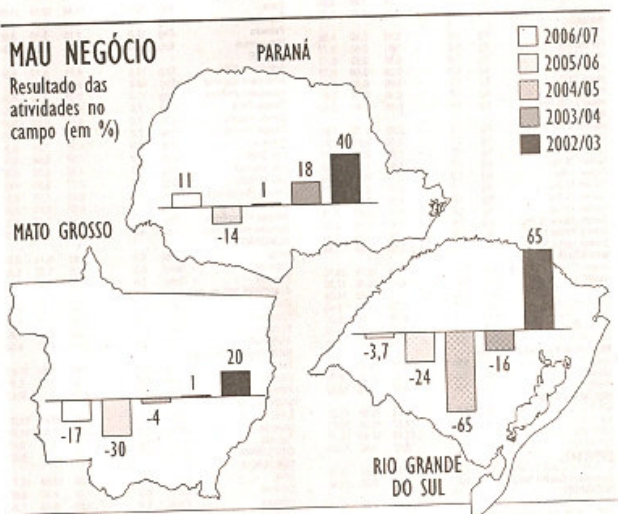
Logística tira a competitividade do estado e apenas algodão pode dar renda ao produtor

NEILA BALDI
SÃO PAULO

O maior produtor nacional de soja — e segundo principal de grãos — agoniza. Símbolo do agronegócio eficiente, Mato Grosso vive um grande dilema nesta safra: plantar ou não e, em caso positivo, o que cultivar. Segundo estimativas da Agroconsult, a rentabilidade dos grãos naquele estado será negativa. Apenas o algodão pode ter uma margem de lucro positiva: 9%.

“O pior lugar para se plantar no País hoje é Mato Grosso, por causa dos custos da logística”, diz André Debastiani, analista da Agroconsult. Nos últimos 10 anos o estado despontou no setor, atraindo migrantes do Sul em busca de terras mais baratas; e agora vive um queda drástica nos investimentos na agricultura. As perspectivas são de que a área cultivada com soja caia até 25% em Mato Grosso.

O produtor Nadir Suculotti, de Sorriso (MT) foi um dos colonos do Sul que trocou uma área de 10 hectares, de agricultura familiar, por uma mil vezes maior — construída ao longo de 23 anos no estado. Não se



Fonte: Agroconsult

arrepente, mas tem consciência de que a renda caiu. “Preciso ter uma superprodução para conseguir viabilidade econômica. Do contrário, perco duas vezes”, diz Suculotti, explicando que reduzirá a área de soja em 16% para não diminuir a tecnologia investida, que lhe garante uma produtividade de 53 sacas por hectare. Em caso de uso menor de tecnologia, ele poderia não conseguir a produtividade atual.

A redução da superfície cultivada é o que recomendam analistas de mercado e os dirigentes do setor. “Neste ano, mais do que nunca, o produtor terá de fazer bem as contas e investir na áreas mais produtivas”, diz Normando Corral, presidente em exercício da Fe-

deração da Agricultura de Mato Grosso (Famato).

RENTABILIDADE NEGATIVA

Os dados da Agroconsult mostram que, apesar de liderar na produção da soja, a rentabilidade do produtor de Mato Grosso será menor do que a dos paranaenses e dos gaúchos: +11% e -3,7%, respectivamente. Debastiani explica que, ao estar longe dos portos, o agricultor mato-grossense perde duas vezes, pois paga mais caro pelos insumos e recebe menos pela soja. “Este é o grande ponto de estrangulamento do estado”, afirma Fábio Silveira, analista da RC Consultores.

“É preciso uma política agrícola que dê garantias de que o produtor possa plantar lá”, diz

Debastiani. Segundo ele se o Brasil quer que a região seja ceifeiro de grãos, são necessários investimentos em logística para diminuir os custos de produção, pois a região é ainda a garantia de expansão de fronteira agrícola. “Uma das alternativas é abrir uma saída pelo Norte do País”, afirma José Carlos Hausknecht, consultor de agronegócios da MB Associados.

Corral explica que, quando o preço da soja era alta, compensava as deficiências logísticas do estado. “O custo da terra, a produtividade e o clima, aliado às cotações internacionais em alta, garantiam a renda do produtor”, diz Corral.

Para Silveira, desde 2004 a crise pela qual passa o produtor hoje já se desenhava. Por isso, segundo ele, além dos investimentos em infra-estrutura, o governo poderia ter adotado medidas como a criação de um fundo de catástrofe para commodities. “Sempre que se trabalha com um produto destes, corre-se o risco em um ano ganhar muito e no outro, pouco”, explica. O resultado, segundo Silveira, é um endividamento sem precedentes e o desestímulo à produção. No entanto, apesar das expectativas pessimistas, o consultor diz que, aquele que tiver boa produtividade e aumentar a área vai ganhar dinheiro, pois com a queda na superfície cultivada, em todo o País, a expectativa é de que os preços da soja em 2007 estejam mais firmes.